

O MOVIMENTO PELA PAZ NA REVISTA CULTURAL *HORIZONTE* (1949–1956)

Andréia Carolina Duarte Duprat / PPGAV – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO

A revista cultural *Horizonte* circulou entre 1949 e 1956, sediada em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Entre seus colaboradores estavam intelectuais ligados à esquerda política, como os artistas Vasco Prado e Carlos Scliar, fundadores do Clube de Gravura de Porto Alegre. A publicação se envolveu profundamente com o Movimento dos Partidários da Paz do período após a Segunda Guerra Mundial, que reuniu pessoas de diversas vertentes ideológicas no combate às armas atômicas e pela paz mundial. Esse trabalho trata do conteúdo visual, principalmente, da *Horizonte* ligado às campanhas desse Movimento.

PALAVRAS-CHAVE

revista *Horizonte*; Movimento dos Partidários da Paz; Clube de Gravura de Porto Alegre.

ABSTRACT

The *Horizonte* cultural magazine has circulated between the years 1949 and 1956, in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. Its collaborators were intellectuals from the left-wing politics, as the artists Vasco Prado and Carlos Scliar, founders of the Clube de Gravura de Porto Alegre (Porto Alegre Engraving Club, 1950–1956). The periodical publication has become deeply involved with the Peace Movement of the post-World War Two period which brought together people of different ideological strands in the fight against atomic weapons and for the world peace. This paper deals with the visual content, primarily, of *Horizonte* linked to campaigns of this Movement.

KEYWORDS

Horizonte magazine; Peace Movement; Clube de Gravura de Porto Alegre.

Neste trabalho¹, exponho como o Movimento pela Paz, comandado por lideranças da esquerda política e presente em vários países após a Segunda Guerra Mundial, aparece nas ilustrações da revista *Horizonte*, produzida em Porto Alegre. As imagens são de autoria de integrantes dos Clubes de Gravura de Porto Alegre e de Bagé, artistas engajados politicamente e que podem ser vinculados à chamada arte social.

A arte social, termo usado pela historiadora da arte Aracy Amaral (2003) no livro *Arte para quê?*, lançado em 1984, evidencia-se, no Brasil, no início do século XX. Figuras como Lívio Abramo (1903–1992), Lasar Segall (1891–1957) e Emiliano Di Cavacanti (1897–1976) são exemplos de associação entre a criação visual e a consciência política. Os impressos, jornais e revistas, ligados à esquerda, particularmente ao Partido Comunista do Brasil (PCB), eram veículos de propagação de ideias através de textos e ilustrações de autoria de intelectuais e artistas, por exemplo, *O Homem Livre* (1933), que contou com trabalhos de Lívio Abramo, e *Movimento* (1935).

A gravura despontou como meio de expressão predileto entre os artistas ligados a causas sociais e partidárias e sua presença foi majoritária na primeira mostra de arte social, organizada pelo Club de Cultura Moderna, no ano de 1935. Essa exposição teve a palestra de encerramento ministrada por Aníbal Machado que destacou ser aquele o primeiro evento do tipo no país, a contundente denúncia social das obras expostas e, principalmente, o empenho de aproximar a arte da coletividade (AMARAL, 2003). Aníbal também recordou que a arte social tinha uma tradição na qual se inserem Honoré Daumier (1808–1879), Francisco de Goya (1746–1828) e Käthe Kollwitz (1867–1945). Dois anos antes, o crítico de arte Mário Pedrosa havia proferido a conferência *As tendências sociais da arte e Käthe Kollwitz*, por ocasião da exposição da artista alemã no Clube dos Artistas Modernos, em São Paulo. Isso já apontava para a forte influência do expressionismo alemão dentre os artistas engajados brasileiros.

Na década de 1930, discussões em torno do melhor método a ser adotado pelos escritores da União Soviética resultaram na oficialização do método do realismo socialista em contraposição ao realismo crítico. O escritor Máximo Górkí, participante da cúpula do partido, defendeu essa posição:

[...] essa forma de realismo não contribuiu, e não pode contribuir, para educar a personalidade do homem novo, socialista, porque, limitando-se a criticar, não dá nenhum passo à frente e, nos casos piores, retrocede e acaba afirmando o que antes havia negado. (GÓRKI, 1971, *apud* ANDRADE, 2010)

O realismo socialista se tornou oficial pelo discurso do primeiro secretário do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, Andrei Zhdanov, durante o I Congresso da União dos Escritores Soviéticos, em 1934. A partir de então, o escritor deveria contribuir para o fortalecimento da nova sociedade soviética e submeter sua arte aos propósitos da Revolução Socialista. Os temas preferenciais seriam o operário e o camponês, alçados a condição de heróis positivos, o mundo socialista e o combate à arte burguesa. O artista do partido deveria mostrar a realidade no contexto do seu desenvolvimento revolucionário, a representação se uniria à tarefa de propagar a ideologia e de educar os trabalhadores segundo o espírito do socialismo. O formalismo era considerado uma estética decadente, e também o pessimismo e o subjetivismo precisariam ser evitados. A intenção era criar uma unidade de pensamento sobre cultura entre os comunistas e, para, isso, difundiram-se as diretrizes da doutrina estética através dos Partidos Comunistas de vários países.

A adoção do realismo socialista se fez sentir no Brasil em meados da década de 1940 pela radicalização da linha editorial de jornais e revistas culturais ligadas à rede de imprensa do Partido Comunista, como *Literatura* (1946–1948), do Rio de Janeiro, *Fundamentos* (1948–1955), de São Paulo, e *Horizonte* (1949–1956), de Porto Alegre (ARBEX, 2012). As publicações se mostravam fortemente empenhadas na formação ideológica de seus leitores e em defender os interesses partidários. Essa postura, por vezes sectária e impositiva, pode ser explicada como uma tentativa de alcançar a unidade partidária e de reação aos fortes ataques que o PCB vinha sofrendo desde sua declaração de ilegalidade em 1947.

No ano de 1949, a revista cultural *Horizonte* foi criada na cidade de Porto Alegre. Seu primeiro diretor foi o escritor Cyro Martins, que fazia parte do Conselho de Redação juntamente com Lila Ripoll Guedes, Juvenal Jacinto, Flamarion Silva, Edith Hervé e Zaira Martins. A proposta inicial da publicação era promover as artes e informar os seus leitores sobre os fatos culturais contemporâneos considerados mais relevantes, conforme consta no editorial do seu primeiro exemplar. Já nesse

momento, é perceptível o alinhamento político dos seus colaboradores, que eram intelectuais de esquerda. Porém, foi no quarto número, lançado em dezembro de 1950, que se pode verificar o comprometimento da revista com as diretrizes defendidas pelo PCB e inaugura-se a Nova Fase.

Essa mudança está relacionada à ascensão de Lila Ripoll à direção e ao ingresso dos artistas Carlos Scliar e Vasco Prado no Conselho de Redação. Vasco e Scliar haviam passado uma temporada na Europa onde estudaram em ateliês de artistas e participaram de eventos políticos, entre eles, o Congresso Mundial de Intelectuais em Defesa da Paz, em Wroclaw, na Polônia, no ano de 1948. O acontecimento que alterou significativamente seus rumos artísticos foi o encontro com Leopoldo Méndez (1902–1969), artista mexicano fundador do *Taller de Gráfica Popular*, entidade voltada às artes gráficas, ao trabalho coletivo e às causas sociais e políticas. Havia, naquela época, um intenso debate entre os comunistas sobre como deveria ser a arte revolucionária, e a tendência vinda da União Soviética, o realismo socialista, parecia prevalecer. Os artistas gaúchos voltaram à sua terra motivados a realizar um empreendimento semelhante ao do México e a propagar os ideais da esquerda. O primeiro passo foi se integrar à equipe da *Horizonte*, em seguida, fundaram o Clube dos Amigos da Gravura de Porto Alegre, cujo intuito inicial era ajudar a financiar a revista (AMARAL, 2003).

O Movimento pela Paz promoveu o I Congresso Mundial dos Intelectuais pela Paz, mencionado anteriormente. Nesse evento, que reuniu pessoas de diversas partes do mundo, os partidários foram chamados a lutar contra a guerra e a defender a paz. Apontaram-se os Estados Unidos como o maior inimigo da causa. Uma das deliberações dos congressistas foi a formação de um escritório internacional que deveria estar de acordo com o *Kominform* da União Soviética (MILZA, 1987). As campanhas pela paz lideradas pelos comunistas teriam uma finalidade prática, já que seriam ocasionais e aconteciam conforme os interesses do Partido, segundo o historiador Philippe Buton (1991), por exemplo, a crítica ao armamento atômico estadunidense se dava no momento em que os países socialistas não tinham domínio sobre essa tecnologia militar.

O Conselho Mundial pela Paz foi fruto do II Congresso do Movimento pela Paz, e seu primeiro presidente foi Frédéric Joliot-Curie. A entidade seguia a estrutura das organizações comunistas, compostas, geralmente, por conselhos comunitários e departamentais, comitês de base e secretarias em cada país. Entre as mais notáveis iniciativas do Movimento estão o Apelo de Estocolmo e o Apelo por Um Pacto de Paz, que, basicamente, eram abaixo-assinados que pediam a abolição das armas nucleares e o fim dos conflitos entre as grandes potências mundiais. Os integrantes da *Horizonte* se dispuseram a auxiliar na divulgação dessas petições.

A Campanha pela Paz nas páginas da *Horizonte*

O editorial do primeiro número da Nova Fase da *Horizonte* informa os princípios da publicação. Em suas linhas, já se percebe que o Movimento dos Partidários da Paz seria um dos seus principais enfoques:

[...] Erguemos bem alto a bandeira da Paz, condição essencial para o florescimento da arte e da cultura.

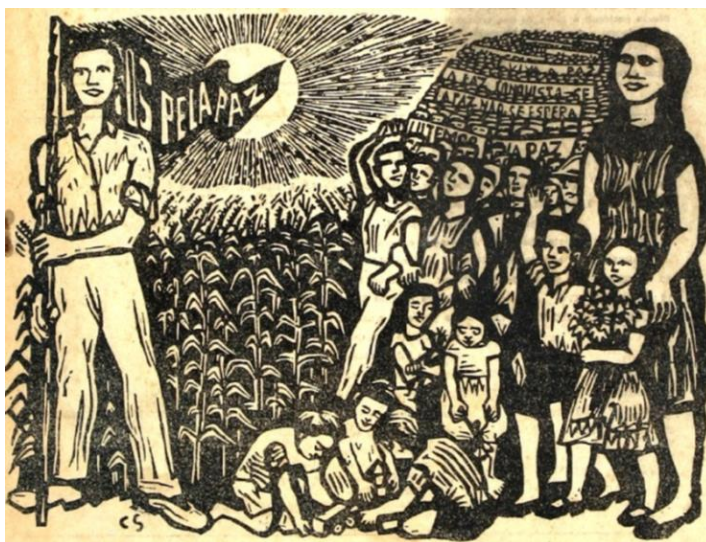
Enquanto trabalhávamos na confecção da nossa revista, reuniam-se, em Varsóvia, milhares de homens, representando milhões de seres e uma só e imensa vontade – a Paz. Saudamos, calorosamente, êste Congresso da Paz. Saudamos o movimento mundial dos partidários da Paz, um dos esteios do novo mundo, ao qual nossa arte deseja servir.

Estejamos alertas, entretanto, pois, também no Brasil, os fazedores de guerra cravam suas garras. Aliado às camadas corrompidas do nosso País, o imperialismo americano desencadeia, no momento, tremenda ofensiva, que visa fazer de nossa Pátria, base de operações para a guerra que prepara e de nossa gente a carne de canhão a ser imolada na defesa da civilização... de Wall Street. Para êste fim, se mobiliza a frente ideológica, são chamados falsos artistas e intelectuais, que pretendem impingir ao nosso povo uma arte que – a pretexto de ultra-moderna e avançada – sirva para afogar, em nossa gente, todo e qualquer sentimento patriótico. É natural que assim seja. Uma classe servil, que tem como única preocupação trair a sua Pátria, nunca poderá desenvolver uma arte nacional e popular. (*Horizonte*, nº 4, ano I, 20 de dezembro de 1950)

O texto esclarece alguns posicionamentos da equipe da revista. Não só a Paz estava sendo defendida, mas também a soberania nacional e a luta contra o imperialismo norte-americano. A gravura de Carlos Scliar que acompanha o editorial ilustra essas propostas (figura 1). Scliar compõe uma cena na qual se vê, em primeiro plano, um homem carregando uma bandeira contendo dizeres pela paz, crianças brincando e uma mulher conduzindo um menino e uma menina que carrega

flores. Logo atrás dessas figuras, têm-se um milharal e uma multidão amalgamada em passeata. O clima é de otimismo e de harmonia. A multidão mobilizada parece alegre ao se mobilizar pela causa pacifista. Quanto à técnica, trata-se, provavelmente, de uma xilogravura pela dureza dos cortes. As matrizes em madeira e em linóleo eram as preferidas pelos artistas dos Clubes de Gravura.

Também nesse exemplar da revista encontramos o artigo *Os Povos do Mundo em Defesa da Paz e da Cultura*, em que seu autor (desconhecido) afirma que o Apelo de Estocolmo teria conseguido 500 milhões de assinaturas e que o Congresso de Varsóvia tivera a participação de oitenta países. Nesse evento, foi formulado o pedido de diminuição do poderio bélico e do número de militares dos países considerados potências, a Grã-Bretanha, os Estados Unidos, a França, a União Soviética e a República Popular da China, e manifestou-se a contrariedade quanto à guerra da Coreia e à intervenção militar estadunidense. Para ilustrar o texto do Apelo de Estocolmo, publicado na contracapa, utilizou-se uma gravura de Alfredo Zalce (figura 2) que representa um cogumelo de fumaça causado por uma explosão nuclear de onde sai uma caveira portando um capacete com a insígnia nazista.



SCLIAR, Carlos (1920–2001)
Sem título, 1950

Capa da revista *Horizonte*, nº 4, ano I, 20 de dezembro de 1950
Fonte: Coleção do NPH – IFCH/UFRGS

Em meados do ano de 1951, havia a preocupação sobre o envio de tropas brasileiras para a Coreia a fim de dar suporte à ofensiva dos Estados Unidos. No sétimo exemplar da Nova Fase da *Horizonte*, a gravura *Soldado Morto* (figura 3) de

Vasco Prado é reproduzida na contracapa acompanhada pela mensagem de que a adesão ao Apelo de Paz ajudaria a evitar a morte de militares em combate por uma causa que nem seria a do nosso país.



ZALCE, Alfredo (1908–2003)
Sem título, s.d.

Contracapa da *Horizonte*, nº 4, ano I, 20 de dezembro de 1950
Fonte: Coleção do NPH – IFCH/UFRGS



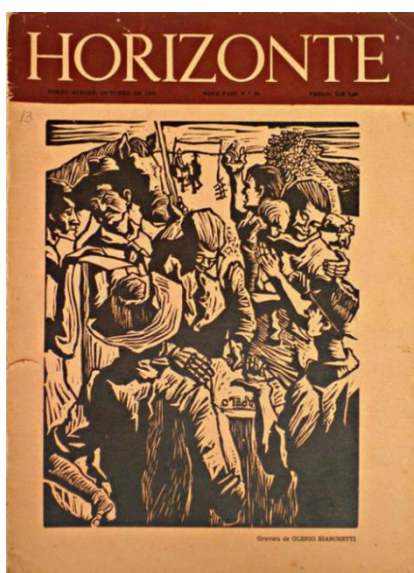
PRADO, Vasco (1914—1998)
Soldado Morto, 1951,

Contracapa *Horizonte*, Nova Fase nº 7, julho de 1951
Fonte: Coleção do NPH – IFCH/UFRGS

Em outubro de 1951, a publicação ressalta eventos em Porto Alegre, o IV Congresso de Escritores e o III Congresso Gaúcho pela Paz, que teria reunido cerca de

trezentos delegados, portadores do Apelo por um Pacto de Paz contendo duzentas e sessenta mil assinaturas. Glênio Bianchetti ajuda a divulgar o Apelo em sua gravura da capa na qual se vê pessoas trajadas à moda gaúcha em um ambiente rural, no qual se vê, ao fundo, uma goleira de futebol (figura 4). A menção ao esporte popular e os tipos representados são tentativas de aproximação com o público através de sua possível identificação com a cena.

Entre as determinações do III Congresso Gaúcho pela Paz estão o pedido de paz na Coreia, a condenação do acordo bilateral entre Estados Unidos e Brasil que resultaria na participação de tropas nacionais em conflitos promovidos pelo país do norte, o combate à promoção da guerra e a denúncia de que partidários e coletores de assinaturas dos Apelos do Movimento pela Paz eram perseguidos.



BIANCHETTI, Glênio (1928–2014)
Apelo por Um Pacto de Paz, 1951

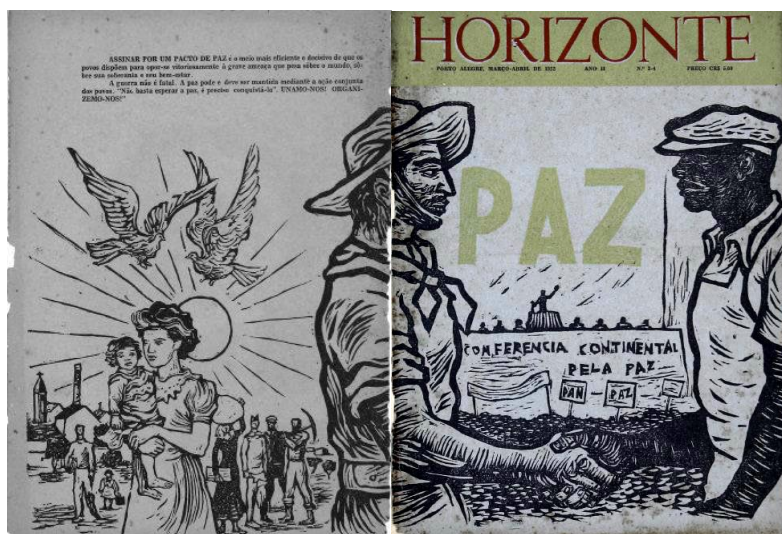
Capa da *Horizonte*, Nova Fase nº 10, outubro de 1951

Fonte: Arquivo João Batista Marçal [registro fotográfico da autora]

A *Horizonte* correspondente aos meses de março e abril de 1952 se dedica a divulgar a Conferência Continental pela Paz que teve lugar em Montevideú, capital do Uruguai. O evento é considerado uma vitória dos povos americanos, pois conseguiu se concretizar apesar da repressão do governo uruguaio e das interdições de governos de outros países. O editorial coloca como ponto alto da Conferência a responsabilização dos Estados Unidos como promotor da guerra e

defensor da paz pela força e destaca a adesão de intelectuais de diversos países ao Movimento pela Paz.

A capa e contracapa dessa edição são ocupadas por um trabalho de Danúbio Gonçalves (figura 5). Destacam-se o gaúcho e o negro dando-se as mãos, representando a união do povo em prol da paz. A mulher e a criança, as pombas e o sol também remetem às ideias de paz e de esperança de um mundo melhor, que, para serem alcançadas devem envolver toda a sociedade, evocada pelos elementos ligados ao trabalho industrial e rural colocados ao fundo da imagem da contracapa. É interessante notar também a presença da igreja, mostrando que a esfera espiritual, tão cara à maioria da população, principalmente naquela época, não foi excluída, apesar da esquerda e dos princípios marxistas serem geralmente considerados avessos à religião.



GONÇALVES, Danúbio Villamil (1925)
Conferência Continental pela Paz, 1952

Capa e contracapa da *Horizonte*, nº 3-4, ano II, março-abril de 1952

Fonte: Coleção do NPH – IFCH/UFRGS

Glauco Rodrigues também retratou a Conferência enfatizando seu espírito de mobilização (figura 6). Nota-se que os artistas, além de imagens bastante compreensíveis quanto ao seu conteúdo, empregam palavras – *pan* (pão), paz, “Conferencia Continental Americana por La Paz” – para tornar sua mensagem e o que aludem ainda mais evidente.



RODRIGUES, Glauco (1929–2004)
Conferencia Continental por La Paz, 1952
Horizonte, nº 3-4, Ano II, março-abril de 1952, p.71
Fonte: Coleção do NPH – IFCH/UFRGS

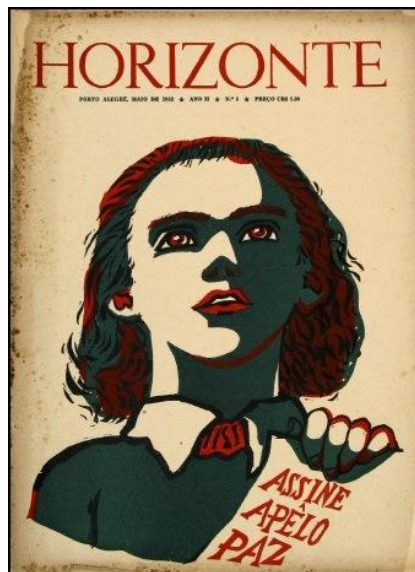
Nesse mesmo número, encontra-se um trabalho de Danúbio Gonçalves que faz uma crítica direta aos Estados Unidos – o “Tio Sam” é satirizado portando um chicote com o qual oprime uma fila de pessoas obrigadas a alimentar a “máquina da guerra”, representada por uma grande caveira (figura 7). Ao lado do personagem, encontramos uma bandeira com os dizeres “mercadorias da morte” e caixas com indicações escritas de produtos importados norte-americanos. Essa gravura de Danúbio merece destaque porque é uma das poucas obras, ou talvez a única, dos artistas do Clube de Gravura que utiliza a linguagem da sátira, comum em charges de jornais, ao protestar contra o imperialismo e o mercado. Esse tipo de tratamento é frequente em trabalhos do *Taller de Gráfica Popular*.



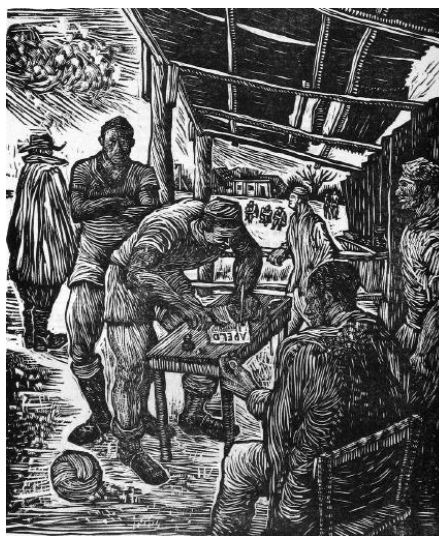
Mercadorias da Morte - Gravura de DANUBIO VILHANI GONCALVES

GONÇALVES, Danúbio (1925)
Mercadores da Morte, 1952
Horizonte, nº 3-4, ano II, março-abril de 1952, p. 84-85
Fonte: Coleção do NPH – IFCH/UFRGS

Em determinado momento, o temor dos partidários da Paz se voltou ao uso de armas bacteriológicas pelos Estados Unidos na Coreia. Esse foi o enfoque do editorial da edição da *Horizonte* de maio de 1952. Os perigos da guerra promovidos pelas intervenções militares norte-americanas deveriam ser combatidos. Os escritos da revista chamam a novos protestos e a intensificação da Campanha pela Paz. Scliar e Glauco Rodrigues colaboram com trabalhos em prol da assinatura do Apelo por um Pacto de Paz (figuras 8 e 9).

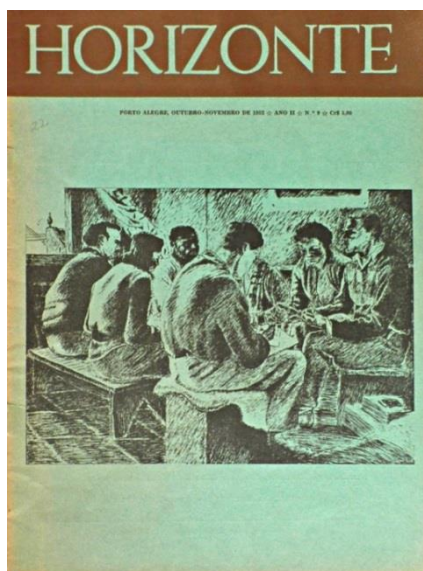


SCLIAR, Carlos (1920–2001)
Assine o Apelo por Um Pacto de Paz, 1952
Capa da *Horizonte*, nº 5, ano II, maio de 1952
Fonte: Coleção do NPH – IFCH/UFRGS



RODRIGUES, Glauco (1929–2004)
Assine o Apelo por Um Pacto de Paz, 1952
Capa da *Horizonte*, nº 5, ano II, maio de 1952, p.128
Fonte: Coleção do NPH – IFCH/UFRGS

A revista número nove de 1952 divulga o Congresso dos Povos pela Paz, realizado em Viena naquele ano. Esse congresso não seria apenas para os integrantes dos Movimentos dos Partidários da Paz, mas aberto a todos os interessados em discutir meios de promover a pacificação mundial. Vasco Prado representa um momento de discussão desse tipo de evento (figura 10).



PRADO, Vasco (1914–1998)
Discussão de Um Comando de Paz, s.d.
Capa da *Horizonte*, nº 9, ano II, outubro-novembro de 1952
Fonte: Arquivo João Batista Marçal [registro fotográfico da autora]

Comentários

A Campanha pela Paz foi o maior empreendimento de mobilização popular apoiado pela equipe da revista *Horizonte*. Pelos números de assinaturas dos Apelos de Estocolmo e por um Pacto de Paz, divulgados pela publicação, além dos eventos promovidos em prol do Movimento, pode-se supor que o Movimento teve um alcance considerável no Rio Grande do Sul.

Alguns trabalhos dos artistas dos Clubes de Gravura foram reunidos no álbum *Gravuras Gaúchas*, cujo prefácio foi escrito por Jorge Amado. A obra recebeu o Prêmio Pablo Picasso da Paz (*Premiados Dois Clubes de Gravura Gaúchos*, 1952).

O dirigismo político-partidário tanto dos Clubes quanto da *Horizonte* foi alvo de críticas por parte de autores, como Carlos Scarinci. Scarinci (1982) afirma que os

seguidores do realismo socialista “se propuseram a realizar uma arte voltada para o povo e para seus problemas, acreditando na eficácia instrumental da arte para mudanças na sociedade [...] seu caráter geral foi, no entanto, autoritário, populista e não popular” (p.102). Já Maria Lúcia Bastos Kern (1994) alerta que o “excessivo sectarismo do Clube e a legitimação de seu programa conduzem ao enfraquecimento de suas aspirações revolucionárias” (p.61). São avaliações que merecem ser discutidas, pois havia uma declaração explícita dos intelectuais envolvidos sobre suas inclinações ideológicas e políticas, porém, faz-se necessário um estudo crítico de suas produções para atestar que estariam restritas à obediência a um pensamento sectário e autoritário de partido.

Walter Benjamin (1994), que formulou textos a respeito da estética marxista, explica que o artista enquanto produtor deve questionar como sua obra se situa dentro das relações de produção de sua época e, a fim de ser um agente a favor da revolução social, deve ser operativo, ou seja, um participante ativo do processo produtivo. O autor consciente tem como meta os meios de produção, e seus produtos tem uma função organizadora. Ele é solidário aos anseios do proletariado e auxilia os outros produtores. Talvez se possa incluir na categoria de “operativo” os artistas do Clube de Gravura que não se limitavam a emitir opiniões, mas se envolviam pessoalmente nos eventos políticos e na mobilização popular.

Os artistas do Clube da Gravura não conseguiram promover uma revolução social. Provavelmente, nem tiveram a oportunidade de discutir criticamente a função social da arte, mas acreditavam que ela teria um papel de grande importância na educação política da população. Eles se encontravam em um momento de efervescente debate político no qual a ameaça da guerra fazia-se, de fato, presente, e o sentimento da necessidade de tomar posição perante aos problemas com os quais se deparavam foi uma das causas da aproximação com a esquerda política. O Movimento pela Paz uniu não somente os simpatizantes e filiados do Partido Comunista, mas todos aqueles que viam na assinatura dos abaixo-assinados um meio de expressar sua repulsa à guerra e seu desejo de paz.

Notas

¹ Este trabalho integra a pesquisa de Mestrado junto ao Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS, sob orientação da Profa. Dra. Paula Ramos.

Referências

AMARAL, Aracy. *Arte para quê?: a preocupação social na arte brasileira 1930-1970: subsídios para uma história social da arte no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Studio Nobel, 2003.

ANDRADE, Homero F. de. O realismo socialista e suas (in)definições. *Literatura e Sociedade*, revista do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, n. 13, 2010, p. 152-165. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/64089>> Acesso em: 20 mai. 2015.

ARBEX, Luciana B. M. *Intelectualidade brasileira em tempos de Guerra Fria: agenda cultural, revistas e engajamento comunista*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13122012-095555/pt-br.php>> Acesso em: 21 mar. 2015.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BUTON, Philippe. Regard d'un historien. Les communistes et la paix. Matériaux pour l'histoire de notre temps. Paris: Bibliothèque de Documentation Internationale Contemporaine (BDIC), n. 21-22, 1991, p. 98-102. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/mat_0769-3206_1991_num_21_2_410719> Acesso em: 15 mar. 2015.

KERN, Maria L. B. A utopia e o ofício da gravura. In: CARVALHO, Ana, GASTAL, Susana (org.). *Vasco Prado*. Cadernos Porto & Vírgula. Porto Alegre, 1994.

MILZA, Pierre. Les mouvements pacifistes et les guerres froides depuis 1947. Les Internationales et le problème de la guerre au XXe siècle. Actes du colloque de Rome (22-24 nov. 1984). Rome : École Française de Rome, 1987, p. 265-283. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/ouvrages/home/prescript/article/efr_0000-0000_1987_act_95_1_2900> Acesso em: 15 fev. 2015.

NETO, Antonio Pinheiro Machado. A Participação dos Brasileiros no Movimento da Paz. *Horizonte*, Nova Fase n. 7, jul. 1951, p. 210.

O POVO NO GALPÃO DA PAZ. *Horizonte*, n. 3, ano 3, nov.-dez. 1953, p.80-83.

PREMIADOS Dois Clubes de Gravura Gaúchos, *Horizonte*, Porto Alegre, n. 7, ano II, jul. 1952, p. 198.

SCARINCI, Carlos. *A Gravura no Rio Grande do Sul 1900-1980*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

Arquivos

Arquivo João Batista Marçal, Viamão - RS

Coleção do Núcleo de Pesquisa em História do Instituto Federal de Ciências Humanas (NPH – IFCH/UFRGS), Porto Alegre - RS

Andréia Carolina Duarte Duprat

Bacharel em História da Arte pela UFRGS (2013). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, ênfase História, Teoria e Crítica, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.